

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**AMAZÔNIA- HERANÇA DE UMA UTOPIA: UMA ANÁLISE SOBRE OS
PROCESSOS DE “DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA” DO APOGEU AO
DECLÍNIO¹**

Joyce Lopes de Souza ²
Orientador: Diego Omar da Silveira³

Resumo

O presente artigo objetivou descrever o documentário “Amazônia-Herança de uma Utopia” fazendo uma análise sobre os processos de “desenvolvimento da Amazônia” do apogeu ao declínio, mostrando em que medida o mesmo pode nos ajudar a entender um pouco da história da região amazônica pois, o documentário aborda fatos importantes que podem ser usados como fonte histórica, as diversas tentativas de colonização da Amazônia brasileira durante o século XX, com fotos históricas, iniciativas e ações que resultaram em impactos ou mudanças ecológicas, demográficas, políticas e econômicas. Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, coleta de dados, e análise documental a partir do documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” a proposta é conhecer um pouco da História da Amazônia cujas dimensões se inserem na história regional.

Palavras-chaves: documentário, Amazônia, história.

Introdução

Neste artigo discutimos o filme documentário Amazônia- Herança de uma Utopia, fazendo uma análise sobre os processos de “desenvolvimentos da Amazônia” do apogeu ao declínio. O propósito do trabalho é pesquisar e mostrar as novas possibilidades de trabalhar a história regional utilizando documentários como fonte histórica tanto pelo historiador quanto por professores em sala de aula.

Descrevemos os discursos contidos dentro do documentário mostrando em que medida o mesmo pode nos ajudar a entender um pouco da história da região amazônica pois, o documentário “Amazônia-herança de uma utopia” aborda fatos importantes que vai sendo escrita de forma cuidadosa que pode ser usada por outras pessoas como fonte histórica, abordando as diversas tentativas de colonização da Amazônia brasileira durante

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de História do CESP/UEA.

² Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. E-mail:Joyce.ls2010@rotmail.com

³ Professoro do curso de Histórias. Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/ CESP.

o século XX, adotando um recorte histórico de longa duração (100 anos), falando de diversos fatos históricos com iniciativas e ações que resultaram em impactos ou mudanças ecológicas, demográficas, políticas e econômicas.

Para a realização do trabalho a metodologia adotada foi à pesquisa bibliográfica, coleta de dados, e análise documental, a partir do documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia”. Segundo Severino (2007), tem-se como fonte documentos, não apenas documento impresso, mas todos os tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Tendo a proposta conhecer um pouco da História da Amazônia cujas dimensões se inserem na história regional. Foram feitos levantamentos bibliográficos no intuito de proporcionar conhecimentos sobre os temas abordados dentro do documentário, fazendo assim uma análise qualitativa das referências a serem utilizadas.

O presente trabalho contém quatro seções: a primeira é “Descrevendo o filme documentário: Amazônia- Herança de uma Utopia”, que aborda de forma geral o que consta no documentário, trazendo várias narrativas com momentos históricos sobre a Amazônia, com diferentes assuntos e temporalidades, fazendo uma abordagem de fatos importantes da nossa história das diversas tentativas de colonização da Amazônia brasileira durante o século XX, adotando um recorte histórico de longa duração (100 anos), falando de diversos fatos históricos da Amazônia como: Primeira e Segunda fase da Borracha na Amazônia, Serra Pelada, Ferrovia Madeira-Mamoré e outros.

A segunda parte do trabalho com o título “Análise do documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” vem fazer uma análise do produto audiovisual trazendo parte do documentário e ligando a autores que falam do mesmo tema, e dessa forma mostrando a veracidade das temáticas abordado no documentário.

A terceira seção: “Trabalhando o filme documentário “Amazônia- Herança de um Utopia” como fonte histórica”. Nesse o cinema como fonte histórica. Trazendo os seus precursores. Podemos perceber que a utilização de filmes como fonte histórica só é possível com a *Nova História* que possibilitou a utilização de novas fontes. O uso dessas novas fontes devemos o movimento iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre ampliou de modo quase que absoluto, a noção de fonte, a qual passou a abarcar potencialmente qualquer coisa que pudesse “dizer” algo sobre o passado. Desde então, os historiadores têm se apropriado de materiais que até aquele momento nunca haviam sido utilizados, como: cinema, o folclore, a literatura, a poesia, a iconografia, processos judiciais e muitos outros, entraram no rol de fontes legítimas da historiografia. Com a ascensão da Nova

História, o cinema foi colocado na posição de novo objeto e usá-lo como fonte se tornou comum.

A quarta seção demarcar o título do trabalho, “Utilizando o documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” em uma proposta de aula oficina para alunos do ensino básico”. Nesse capítulo vai trazer uma proposta de como se trabalhar o filme documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” em uma aula oficina para alunos do ensino básico. Pois, os requisitos mais importantes a serem levado em consideração em uma aula oficina pelo professor no processo ensino-aprendizagem é o de desenvolver meios de dinamizar a assimilação de conteúdos por parte dos alunos. Esse tipo de estratégia possui um enorme potencial pedagógico, quando usado com sabedoria, o que poderia significar uma ótima estratégia para trabalhar determinados assuntos, porque se torna uma aula diferenciada da aula tradicional de modo que essas atividades apresentam uma diversidade metodológica quanto a natureza de sua aplicação trazendo satisfação por parte tanto do professor quanto do aluno.

O documentário “Amazônia-Herança de uma Utopia” pode, fazer parte do elenco das fontes da Históricas. Pelas quantidades de informações que contém e que nem sempre correspondem exatamente aos objetivos de seus autores, pelo valor enquanto testemunho de uma sociedade e de uma época. Como um campo de possibilidades para resgatar ações de diferentes grupos humanos atuando nas várias dimensões do social sobre a história da Amazônia.

1- Descrevendo o filme documentário: Amazônia- Herança de uma Utopia.

O filme documentário começa dizendo que a Amazônia uma é terra de mitos e lendas, que se torna alvo da mais selvagem ocupação descrita pela história. Uma terra desconhecida povoadas por dois milhões de índios até o século XVI. Ver a chegada dos seus primeiros exploradores: espanhóis, portugueses, holandeses e franceses, penetrarem na maior floresta do mundo, dando início a uma corrida desenfreada pela conquista da floresta mais cobiçada do planeta. Em nome do que se chamavam ocupação justa, evangelizavam a força e massacravam os “selvagens herege” afim de conquistar suas almas e as terras. Com o decorre do tempo os mapas foram sendo desenhado em tordo do grande rio Amazonas que mais tarde deu origem ao nome da terra.

Em 1822 com o Brasil independente, a Amazônia se tornou objeto de cobiça dos homens e desejo de conquista. Um dos entrevistados para documentário foi Marcus Barro,

presidente do IBAMA, que diz que o nome Amazônia é recente, antigamente era chamado de Grão-Pará pois, ela não fazia parte do Brasil do ponto de vista colonial, então a luta desse século era a integrar a Amazônia com o resto do país. No início do século XX, 99% do Amazônia ainda se encontrava intacta, no decorrer do século a ambição desenfreada traz catástrofe econômica, ecológica e sobretudo humana para a região.

A seringueira árvore originária da Amazônia vai ter um grande papel nessa história, a incisão no seu Caule escorre a látex conhecido como “ouro branco” que, em 1870 a 1912, impulsionou o rumo econômico do Amazônia, este período passou a ser conhecido como a Era da Borracha, mais 300 mil pessoas vieram de todas as regiões do Brasil para a Amazônia em busca de uma vida melhor. Os seringueiros trabalhavam 14 horas por dias e ganhavam o necessário para sobreviver. Com a indústria automobilística, a borracha passou a ser a sensação no mercado europeu. Manaus se tornou a capital desse apogeu com fortunas colossal, tendo a construção do Teatro Amazonas e um dos símbolos da riqueza da época.

Em pleno auge da borracha, a Amazônia permanece inexplorado, as autoridades republicana do Brasil resolveram integrar esta vasta região ao território nacional dando início ‘Ciclo da geografia heróica’ e a construção da linha telegráfica do Mato Grosso ao Amazonas, isso se tornou uma das maiores aventuras humanas de todos os tempos. Essa expedição é encabeçada pelo Major do Exército brasileiro Mariano da Silva Rondon um mestiço de índio, influenciado pela filosofia do positivismo do francês Augusto Comte, tendo como missão a construção de linhas telegráficas que ligavam os diferentes centros de produção de borracha, mas, também faz parte dessa missão integrar os “selvagens” a “civilização”.

Segundo a fala de Gonçalo de Assis Poquiviqui chefe do posto indígena Parecis, Mato Grosso -FUNAI, um dos obstáculos dessa missão foram os índios Parecis, porém, isso foi revertido, os mesmos ajudaram Rondon e sua equipe desbravar um dos lugares mais ensopado do planeta.

Os princípios humanitários de Rondon foram colocados em prova quando ele penetrou no território dos índios Nhanbiquaras pois, eles já estavam preparados para o ataque, porém, Rondon não desiste e depois de muita insistência conseguiu pacificar os indígenas usando como método o diálogo e a paciência. No decorrer de sua missão Rondon integra pacificamente 30 mil índios ao Brasil.

Para garantir os direitos e respeito das terras indígenas, Rondon cria a Sociedade de Proteção aos Índios e constrói escolas e postos de distribuição de comida. Rondon agia como um precursor das ideias humanista numa época, onde se massacrava sistematicamente as populações indígenas.

Com a expansão do mercado da borracha, provocou uma procura por novos lugares de extração e distribuição do látex, então o governo decidiu construir uma primeira estrada de ferro da Amazônia, atraído por esse novo mercado, trabalhadores do mundo inteiro vieram para o Brasil com um único desejo fazer fortuna.

Em 1907, o Estado Filadélfia venceu a concorrência para construir a ferrovia e em troca tem o direito de exploração da linha por 50 anos. No início da construção da primeira ferrovia da Amazônia, dezenas de engenheiros e técnicos chegaram e estalaram as margens do rio Madeira, com a pouca mão de obra local, os trabalhadores estrangeiros foram atraídos pelos salários elevados, 20 mil operários de 30 nacionalidades diferentes deslocaram para esse lugar que ficou conhecido como inferno verde.

Nessa época o Brasil disputa com a Bolívia a posse da região do Acre, a Bolívia aceita ceder esta parte de seu território, mas, em troca utilizará a ferrovia para sua própria produção de borracha. A ferrovia ligava Porto Velho a Guajará-Mirim na Bolívia. Depois de duas tentativas fracassadas os trabalhos começaram em julho de 1907, porém dos 29 mil trabalhadores que começaram a construção da ferrovia, 7 mil morreram nos primeiros anos da construção da mesma, em nenhum momento a obra foi interrompida, era preciso terminar o mais rápido possível. Em 1911, atinge-se a marca 44 mil toneladas de borracha o mais alto nível de produção de todos os tempos. No mesmo ano, o primeiro trem começa a funcionar, mas a ameaça que a sombra a Amazônia começa a se materializar.

Em 1920, quando Rondon volta a Porto Velho se depara com as consequências da biopirataria, as sementes contrabandeadas foram plantadas com sucesso na Ásia, dando início a derrocada da Era da Borracha na Amazônia. Em 1930, por total falta de rentabilidade e, 32 anos antes do término do contrato, os americanos abandonaram definitivamente a Ferrovia Madeira-Mamoré.

Quinze anos depois do término da Era da Borracha, em 1929, começaram a surgir a Segunda fase da borracha na Amazônia. Com o crescimento da indústria automobilística, o dono da Ford aposta em uma retomada da atividade na Amazônia, o resultado disso é a negociação com o governo do Pará com a Companhia Indústria do Brasil e concessão de 1 milhão de hectares de terra para construção de uma fábrica. Assim nasce a cidade de Fordlândia uma cidade planejada para os trabalhadores que

desejarem trabalhar com o cultivo da borracha. Isso faz nascer a esperança de uma vida melhor para milhares de desfavorecidos

Para atrair para floresta a mão de obra necessária, eles prometiam assistência ao trabalhador e toda a sua família, criaram o hospital mais moderno do Estado do Pará, mas, na verdade os salários ficavam suspenso com as ausências por motivo de doenças, os empregados que não retornavam as suas atividades eram demitidos. Os instrumentos de trabalho eram pagos pelos próprios trabalhadores. Na verdade, a empresa só queria saber do lucro, a cidade montada por eles se tornou um verdadeiro campo de trabalho escravo.

Em 1936, os primeiros testes de produção são bastante satisfatórios, mas, o pior aconteceu, pragas começaram a atacar as plantações de seringueiras, tudo é feito para radicar a praga, mas nada funciona. Com a Segunda Guerra Mundial, começaram a sonhar com a volta do ciclo da borracha, mas com a chegada da paz o sonho se estingue. Em dezembro de 1945, foi fechada Fordlândia e entregue ao governo brasileiro e assim chega ao fim a Era da Borracha na Amazônia.

Em 1964, inaugurou o período mais sombrio da história do Brasil, a Amazônia sofreu mais nesse período do que em cinco séculos de história. Em 1970 o presidente do país o General Médici inaugurou a construção da Rodovia Transamazônica, Plano de Integração Nacional. O trabalho durou quatro anos e abriu 5.600 quilômetros de estrada, porém, isso era a penas para desviar o olhar dos problemas que afligia o país, sempre com a desculpa que a Amazônia estava sobre ameaça internacional.

A construção da Transamazônica foi bem planejada no papel. Colonos seriam instalados em centros agrícolas em lotes em 64 residências com todo o conforto em uma cidade agrícola a cada 30 quilômetros de distância ao longo da Rodovia. A proposta do governo era dar moradias e partes da floresta virgem aos recém-chegados, das 70 cidades agrícolas que constavam no papel, somente 2 cidades foram construídas, de 100 mil famílias que continha no plano oficial, só chegaram 6 mil famílias seduzidas pela propaganda feitas no começo do projeto. Estas famílias foram abandonadas em um ambiente hostil que oferecia poucas chances de sucesso. Trinta anos depois desse Plano de Integração Nacional, ainda tem quase 1 milhão de pessoas em estado miserável ao longo da Transamazônica.

O Plano de Integração Nacional do General Médici continuo em outras frentes, e foram realizados de modo autoritário e os impactos desse plano caiu sobre a população indígena. Os indígenas Waimiri Atoari, até hoje guardam uma grande desconfiança do

mundo exterior pelo que eles sofreram na década de 70. A maioria morreu de desnutrição e doenças contagiosas. Em 1974, restaram apenas 2 mil Waimiri, quando os militares resolvem construir a BR-174 que integrar o norte do Amazônia a Manaus que passa sobre as terras indígenas. Antes da construção da BR-174, os indigenistas se apressaram em estabelecer um diálogo com os chefes indígenas, sem sucesso. Então os militares cercaram e queimaram as aldeias matando centenas de índios, a única alternativa dos mesmos foi sumir dentro da floresta. Feita a segurança da região pelos militares, a obra procede e a estrada é inaugurada em 1975.

Cinco anos depois da construção da estrada, os sofrimentos dos Waimiri estava longe de acabar, o último dos ditadores Figueiredo, continuo as políticas dos seus antecessores e lança a construção da represa da Balbina, mais uma vez perturbando os Waimiri. Desde sua concepção, Balbina é símbolo de negligência e arbitrariedade não foram calculados os impactos causado ao meio ambiente e foi a maior catástrofe ecológica de toda a Amazônia.

Em 1980, o agricultor João Adão se encontrava no alto de um morro no meio da floresta e encontra no meio da sua plantação ouro, a notícia se espalhou rapidamente, em pouca semana o local é invadido por multidões desordenadas em busca do metal precioso. Em três meses, mais de 20 mil pessoas estavam trabalhando em Serra Pelada, 1 ano depois, 60 mil garimpeiros lutavam para sobreviver em um lugar sem lei que se encontrava cada vez mais ouro.

Esta concentração de riqueza chamou atenção do governo, Brasília mandou um homem de confiança, Major Sebastião Curió, sua missão era organizar a crescente extração de ouro, rapidamente ele transforma o lugar em uma autocracia que comandou com mão de ferro. Com ajuda de pá e enxada o morro se transformou em uma imensa cratera de 100 mil heqitares, com profundida 150 metros, 80 mil homens trabalhavam no local com o sonho dourado.

Serra Pelada é a maior mina a céu aberto do mundo, foram extraídas 140 toneladas de ouro e, um terço saiu clandestinamente do país, o resto ficou com o Estado, que organizou o trabalho dos escravos no tempo moderno. Com o passar do tempo a mina se tornou uma armadilha e a produção começou a cair. Em 1985, com nova democracia se cansou este lugar onde acidentes e mortes se multiplicavam. Em 1990, o presidente Fernando Color de Melo decidiu fechar definitivamente a mina de Serra Pelada.

Em 1980, o americano Daniel K.Ludwig, rompeu a monotonia da margem do rio Jarí ao instalar uma fábrica gigantesca de celulose que sobrevive apenas três anos e foi à

falência. Alguns anos depois, graças a tecnologia Daniel ressuscitou a fábrica de celulose com a madeira extraída da região, hoje essa fábrica funciona em tempo integral, dela sai toda noite 80 mil toneladas de celulose, nas quais três quartos são exportados para outros os países. Uma fábrica onde o homem é invisível pois, ela é inteiramente automatizada e funciona apenas com 20 pessoas. Antigamente ela precisava mais de 300 pessoas para funcionar.

Então o documentário termina falando que a Amazônia é um legado deixado pelas desastrosas tentativas de ocupação, uma terra rica para homens pobres, que conta história de um povo movido pela esperança, que ousa a sonhar e acreditar em um sonho.

2- Análise do documentário “Amazônia-Herança de uma Utopia”

O filme que tem como título *Amazônia – Herança de uma Utopia* foi produzido e divulgado no ano de 2005. O produto audiovisual pertence ao gênero cinematográfico do documentário, tendo a duração de 1 hora e 30min, contendo quatro partes. O documentário é uma produção do Rio Cinema produções com coprodução do Mano a Mano MPC e associado.

O documentário traz para os seu telespectador através de depoimentos fatos que ajudam a entender um pouco da história da região amazônica, abordando as diversas tentativas de colonização da Amazônia brasileira durante o século XX, adotando um recorte histórico de longa duração (100 anos), falando de diversos fatos históricos com: Período da Borracha, Serra Pelada, Ferrovia Madeira-Mamoré, Rodovia Br-174, Transamazônica e outro.

Do início ao fim do documentário são marcados por narrativas, imagens e depoimentos onde são apresentados os temas abordados. A história tem começo meio e fim, sem a interferência de outros incidentes que possam tirar a atenção ou influenciar no conteúdo que está sendo repassado. O documentário situa no espaço temporal dos eventos ao seu telespectador, trabalhando didaticamente os temas abordados. – Segmentada em quatro partes. A primeira parte (que vai do instante zero a 22:10”) é destinada a tratar da Primeira fase da Borracha e a construção de linhas telegráficas. Na segunda (de 22:10” a 37:15), conta a história da Segunda fase da Borracha e o início da criação da Transamazônica. A terceira (de 37:15 a 1:07:54) continuar falando da Transamazônica juntamente com a história da construção da BR-174, hidrelétrica de Balbina e o começo da extração do ouro em Serra Pelada. Quarta (1:07:54 a 1:29:47) abordar os assuntos sobre a Fábrica de celulose no rio Jarí.

O filme documentário começa falando que a Amazônia, uma terra de mitos e lendas, se torna alvo da mais selvagem ocupação descrita pela história. Uma terra povoada por dois milhões de índios até o século XVI. Ver a chegada dos seus primeiros exploradores dando início a uma corrida desenfreada pela conquista da floresta. Em nome do que se chamavam ocupação justa, evangelizavam a força e massacravam os “selvagens herege” afim de conquistar suas almas e as terras.

Podemos perceber que a ocupação da Amazônia não foi diferente do resto do país, muitos indígenas morreram outros fugiram e o que restaram foram obrigados a renegar suas próprias crenças sendo evangelizados a força. Com essa pequena introdução o filme documentário começa abordar assuntos atuais que deixaram muitas marcas na população Amazônica.

Um dos assuntos abordado é a Primeira fase da Borracha na Amazônia que tem um grande papel na história regional, onde em 1870 a 1912 impulsionou o rumo econômico do Amazônia, trazendo para região mais 300 mil pessoas vindas de todo o país em busca de uma vida melhor.

Nesse período, contou com a construção das linhas telegráficas que ligavam Mato Grosso ao Amazonas. Uma expedição encabeçada pelo Major do Exército brasileiro Mariano da Silva Rondon tendo como missão ligar os diferentes centros de produções de borracha, mas também integrar os “selvagem” a “civilização”.

Outro assunto abordado no documentário é a construção da primeira estrada de ferro da Amazônia. Que em 1907 o Estado Filadélfia venceu a concorrência para construir a ferrovia e em troca teve o direito de exploração da linha por 50 anos. Em julho de 1907, mais 29 mil trabalhadores começaram a construção da ferrovia, 7 mil morreram nos primeiros anos da construção da mesma, em nem um momento a obra foi interrompida. No mesmo ano o primeiro trem começa a funcionar, mas, com biopirataria das sementes contrabandeadas e plantadas com sucesso na Ásia deu início a derrocada a Era da Borracha na Amazônia. E com isso a Ferrovia Madeira-Mamoré é abandonada.

De acordo Hardman “A chegada dos trilhos ao fim da linha projetada, após 364 quilômetros e não se sabe quanta ruína, assinala uma aparente vitória do capital sobre o trabalho e a natureza”. (HARDMAN, 2005: 162). A situação dos trabalhadores nestes grandes empreendimentos internacionais é de fato lamentável, possível de comparar com o período das grandes movimentações de escravos traficados de África. São essas

construções, tal como a Madeira Mamoré, símbolos do capitalismo sem pátria, sem fronteiras.

O documentário nos fala, que 15 anos depois do termino da Primeira fase da Borracha, em 1929 começou a surgir a Segunda fase da borracha na Amazônia. Com o crescimento da indústria automobilística o Dono da Ford aposta em uma retomada esta atividade na Amazônia, o resultado disso é a negociação com o governo do Pará com a Companhia Indústria do Brasil e concessão de 1 milhão de hequitares de terra para o plantio e construção de uma cidade e fábrica. Em 1936 os primeiros testes de produção são bastante satisfatórios, mas, o pior aconteceu, pragas começaram a atacar as plantações das seringueiras, tudo é feito para radicar a praga, mais nada funciona. Em dezembro de 1945 Enriford que nunca foi a Fordlândia mandou fechar tudo e entrega ao governo brasileiro e assim chegou ao fim a Era da Borracha na Amazônia.

Em 1964 começou o período mais sombrio da história do país. Em 1970 o presidente General Médici inaugurou a construção da Rodovia Transamazônica, Programa de Integração Nacional. O trabalho durou quatro anos e abriu 5.600 quilômetros de estrada. Tudo foi bem planejado no papel, colonos seriam estalado em centros agrícolas em lotes em 64 residências a cada 30 quilômetros de distância ao longo da Transamazônica. A proposta do governo era dá moradias e parte da floresta virgem aos recém-chegados. Das 70 cidade agrícolas do plano, só duas saíram do papel, de 100 mil famílias planejadas para ocupar este território, somente chegaram 6 mil famílias seduzida pela propaganda feita no começo do projeto, foram abandonadas em um ambiente hostil que oferecia poucas chances de sucesso.

Para Martine (1982, p. 53) “ao propor a ocupação da Amazônia como resposta à seca nordestina de 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN) reiterava e formalizava a tradicional solução brasileira às tensões sociais no campo: a expansão de fronteira agrícola” mais segundo o documentários a construção da Transamazônica é uma forma de desviar o olhar dos problemas que esta acontecendo no resto do Brasil nesse momento.

Os que mais sofreram como o Programa de Integração Nacional, foram população indígena. Os indígenas Waimiri Atroari, até hoje guardam uma grande desconfiança do mundo exterior pelo que eles sofreram na década de 70, que a maioria morreram de desnutrição e doenças contagiosas. Em 1974, restaram apenas 2 mil Waimiri, quando os

militares resolveram construir a BR-174 que integra o norte do Amazônia a Manaus. A BR-174 que passou sobre as terras indígenas matando muitos deles.

Assim como no documentário, Oliveira (2007), nos diz, que com a Abertura da Rodovia BR 174, no período militar trouxe mudanças bruscas na paisagem amazônica e na vida dos habitantes locais, pois o trecho da BR 174 que liga Manaus/AM a Caracaraí/RR durou aproximadamente 07 anos para ser concluído. A tão esperada Rodovia que ligaria Roraima ao restante do Brasil, encurtaria as distâncias e facilitaria a fixação de novos moradores, no entanto, trouxe também uma série de problemas com os habitantes locais, os Waimiri- Atroari pois, a Rodovia passava por dentro de suas terras e isso levou a morte de muitos indígenas.

Após a construção da BR-174, cinco anos depois o sofrimento dos Waimiri está longe de acabar, o último dos ditadores Figueiredo continuou as políticas dos seus antecessores, lançando a construção da represa da Balbina, mais uma vez perturbando os Waimiri. Desde sua concepção, Balbina é símbolo de negligência e arbitrariedade, não foram calculados os impactos causados ao meio ambiente e foi a maior catástrofe ecológica de toda a Amazônia.

Um dos assuntos abordado no documentário é a descoberta de ouro em Serra Pelada em 1980, a notícia se espalhou rapidamente em poucas semanas o local é invadido por multidões desordenadas em busca do metal precioso. Em 1985 a nova democracia manda fechar definitivamente a mina.

Lavarda (2017), nos conta da busca pelo ouro no garimpo de Serra Pelada na década de 1980 no Pará, que deslocou um contingente de milhares de garimpeiros e outros aventureiros que se arriscaram numa busca frenética pelo metal, alimentado pelo sonho de enriquecimento rápido. Na medida em que corria a notícia da presença do ouro na região pela imprensa, não levou muito tempo até que se formasse uma multidão de homens a trabalhar diariamente carregando sacos de terras pesando entre 30 e 50 quilos sobre os ombros e subindo as íngremes e perigosas escadas de madeiras.

O último tema aborda no documentário foi sobre a fábrica montada nas margens do rio Jarí em 1980 pelo americano Daniel K. Ludwig que rompe a monotonia do lugar, mas, que pouco tempo foi a falência. Alguns anos depois graças a tecnologia Daniel ressuscita a fábrica de celulose com a madeira extraída da região, hoje essa fábrica funciona em tempo integral. Dela sai toda noite 80 mil toneladas de celulose nas quais três quartos são exportados para outros os países. Uma fábrica onde o homem é quase invisível pois, ela é inteiramente automatizada e funciona apenas com 20 pessoas.

O documentário “Amazônia-Herança de uma Utopia” traz muitas informações com ilustrações, imagens e depoimentos que nos ajudam a conhecer fotos históricas com iniciativas e ações que resultaram em impactos ou mudanças ecológicas, demográficas, políticas e econômicas na região Amazônica.

3- Trabalhando o filme documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” como fonte histórica.

Representar o mundo e fixá-lo através de imagens é uma forma de comunicação utilizada pelos homens desde a nossa ancestralidade, com o passar do tempo e com o uso das tecnologias, isso vem sendo aprimorados. Desde do momento em que os homens começam registrar o seu cotidiano nos tetos e paredes de cavernas onde se abrigavam, estas figuras gravadas já contam um pouco a sociedade da época, que servi como uma forte histórica na atualidade, onde podemos estudar e deduzir a forma em que nosso ancestrais viviam. “cada plano, sequência ou produção completa é um registro primário do passado e seu conjunto editado transforma-se num documento em si” (NAPOLITANO, 2007, p. 242). Dessa forma os documentários na atualidade também servi como fonte histórica para contar um determinado período, utilizando a tecnologia a nosso favor.

Ao assistir “Amazônia-Herança de uma Utopia” o telespectador percebe a presença de várias narrativas com momentos históricos sobre a Amazônia, com diferentes assuntos e temporalidades. A variedades de imagens de arquivos, depoentes e temas tratados, indicam que houve pesquisas longas e árduas durante sua realização. O documentário se preocupou em abordar os temas de maneiras profunda e séria. Os conceitos que norteiam a produção de um filme histórico são fundamentais para a construção das interpretações apresentadas como produto final com ajuda da tecnologia.

O uso da tecnologia, o documentário “Amazônia-herança de uma utopia” abordam fatos importantes da nossa história que vai sendo escrita de forma cuidadosa, que pode ser usado como fonte histórica. O documentário aborda as diversas tentativas de colonização da Amazônia brasileira durante o século XX, adotando um recorte histórico de longa duração (100 anos), falando dos diversos fatos históricos da Amazônia como: Primeira e Segunda fase da borracha na Amazônia, Serra Pelada, Ferrovia Madeira-Mamoré e outros. O filme expõe fatos, iniciativas e ações que resultaram nos impactos ou mudanças ecológicas, demográficas, políticas e econômicas mostrando uma visão objetiva das intervenções humanas na Amazônia brasileira, seus erros e acertos. O

documentário nos mostrar fatos de nossa história “o filme atinge as estruturas da sociedade” (MORETTIN, 2007, p. 41).

Segundo Ferro, há uma zona de realidade não visível nos filmes e é nessa zona que os diagnósticos do historiador devem ser feitos, nessas zonas que deveríamos a contra análise da sociedade. Independente da vontade dos poderes dominantes, “a câmera revela o funcionamento real daquela [sociedade], diz mais sobre cada um do que queria mostrar” (FERRO, 1992, p.86). Esse lugar de desvelamento, dentro do filme, parece ser constitutivo da linguagem cinematográfica.

Através dessa linguagem cinematográfica que os documentários como “Amazônia-herança de uma utopia” faz uma abordagem de um período, gravando depoimentos de pessoas ainda vivas que contam a sua versão da história e os impactos que estes fatos tiveram sobre sua vida, pessoas que viveram um certo período a ser contado, mostrando várias fases de uma história.

A utilização de filmes com fontes histórica só é possível com a Nova História, que possibilitou de utilização de novas fontes. O uso dessas novas fontes devemos o movimento iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre que possibilitou ampliar de modo quase que absoluto, a noção de fonte, a qual passou a abarcar potencialmente qualquer coisa que pudesse “dizer” algo sobre o passado. Desde então, os historiadores têm se apropriado de materiais que até aquele momento nunca haviam sido utilizados como: cinema, o folclore, a literatura, a poesia, a iconografia, processos judiciais e muitos outros, entraram no rol de fontes legítimas da historiografia.

E com o passar do tempo foram se incorporando novas fontes. Um dos motivos que podem ser apontados para isso, é o fato de que até então os historiadores acreditavam que o cinema se manifesta como real em relação ao imaginário da sociedade. Hoje, o documentário se tornou uma possibilidade de contar através de áudio e imagens a história de uma sociedade. Com a ascensão da Nova História, o cinema foi colocado na posição de novo objeto e usá-lo como fonte se tornou comum.

Esse tipo de produção, aliás, leva uma vantagem em relação às atualidades ou ao documentário. Devido a sua maior divulgação e circulação, é possível identificar com maior clareza o diálogo entre o filme e sociedade por meio da crítica e da recepção do público. (MORETTIN, 2007, p.49)

Como Morettin (2007), nos fala, com a divulgação e circulação do filme documentário e o diálogo ente o filme e a sociedade se tornam mais fácil ver a aceitação

do mesmo pela sociedade, com a internet o acesso ao documentário. Um exemplo é documentário Amazônia- herança de uma Utopia pode ser baixado com facilidade por qualquer pessoa via internet.

A medida em que estas novas fontes, como os filmes documentários vem sendo trabalhado revolucionou o modo como percebemos nosso mundo, ele deixou de ser apenas um produto da história, transformou-se também em um agente contador de história. Pois, desde então muitos historiadores utilizam dessas ferramentas de contar história através de filmes e documentários que possibilitam a teorização nesse campo que tem muitas possibilidades através das lentes, dentre as várias, podemos usar ao tratar dessa relação a um determinado período.

Nessa perspectiva, podemos dizer que o cinema é fonte para o historiador. Pois, apresenta possibilidades de abordar determinados temas que vão além das disponíveis na documentação mais tradicional. O filme é documento e neste sentido contém todas as "evidências históricas" que o fazem sobreviver por razões que vão além da simples intenção"... dos atores de projetar uma imagem de si mesmo à prosperidade" (THOMPSON, 1982, p.36).

Assim, como o documentário "Amazônia- Herança de uma Utopia" que através das lentes contam os fatos históricos que sobreviver não pelo caráter intencional de quem os produziu, mas também pelos registros de uma sociedade em uma determinada época cujo conjunto de fatos ultrapassam as intenções de seus produtores e contêm um número de informações muito maior do que aparentemente deveriam conter.

E com essa intencionalidade, as pessoas que produzem um documentário como "Amazônia, Herança de uma utopia" tem como objetivo contar fatos históricos da nossa região , mas que também serve com fonte históricas para outros historiadores utilizarem como base teórica em seus trabalhos pois, sabemos que o documentário é um documento que não pode ser desqualificado pelo fato de ser uma montagem de imagens.

Não seria suficiente empreender a análise de filmes, de trechos de filmes, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade o saber e a abordagem das diferentes ciências humanas. É preciso aplicar esses métodos a cada um dos substratos do filme (imagens, imagens sonorizadas, não sonorizadas), às relações entre os componentes desses substratos; analisar o filme tanto a narrativa quanto aos cenários, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela apresenta. (FERRO, 1992. P.87)

Marc Ferro (1992), analisa o cinema de uma perspectiva artística: “O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética (...) Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto” (1992, p. 87).

De acordo com Ferro (1992), o filme documentário exige uma crítica documental mais apurada, a sua montagem tem que ser pensada pois, nela traz parte de nossa história assim não abandonando a concepção de transparência do documento. A partir dessas proposições, o documento, no caso o cinema, passa a ser tido como uma construção do real, que o altera por intermédio de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento, num dado contexto histórico.

Quando falamos de filme documentário, a relação entre documento e realidade parece voltar a se configurar como problema pois ele precisa de um trabalho minucioso que demanda tempo para não fugir do que realmente aconteceu pensando na possibilidade de eles não revelar nada que fuja do real.

O documentário conta histórias e estórias de maneira bastante diversa e mesmo assim apresenta uma especificidade que lhe é própria. Nós historiadores, cada vez mais necessitamos de apropriar-nos de linguagens diferentes para aprender a contar nossas histórias, seja com o romancista ou o cineasta. Quem escreve história deve estar atento às estruturas narrativas do gênero filme, pois dessa forma ele conseguirá proceder a uma análise adequada do cinema, mas também aperfeiçoará seu fazer historiográfico.

Mesmo sob a pressão de um sistema rígido de censura, um filme documentário é testemunha de uma realidade passada, isso acontece, pois, a câmera mostra mais do que deseja, a realidade exibida no filme vai além do que se pretende pôr seus idealizadores. “Descobrir o que está latente por trás do aparente, o não visível através do visível” (FERRO, 1992, P.88), é o que deve conseguir o historiador que deseja alcançar um nível de realidade social dentro da imagem.

4- Utilizando o documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” em uma proposta de aula oficina para alunos do ensino básico.

A missão dada ao professor tem muita relevância para a sociedade pois, é ele que forma todas as outras profissões. Mas para realização do seu trabalho é preciso planejar e refletir sobre quais são os melhores métodos e/ou abordagens a serem utilizadas para que haja uma aprendizagem significativa, portanto, “o professor deverá ser um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar,

organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento” (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 69).

Atualmente com tanta tecnologia a disposição dos jovens, com tanto meio de adquirir informações, o professor deixa de ser visto como o detentor do conhecimento e passa a ser o mediador, é essa facilidade trazida pela tecnologia amplia de forma significativa meios que faça os alunos terem, mas, vontade de aprender. Mas, para isso acontecer o professor tem que ter uma estratégia eficaz para tornar suas aulas interessantes ao ponto que faça os alunos aprenderem os conteúdos e buscar informações além da sala da aula, uma dessas estratégias são as aulas oficinas que foge do meio tradicional, buscando envolver os alunos no meio escolar. As oficinas possibilitam estimular o saber criar e recriar situações, materiais, ferramentas e conhecimentos baseando-se nas relações do sujeito com o objeto de estudo.

As oficinas pedagógicas são situações de ensino e aprendizagem por natureza abertas e dinâmicas, o que se revela essencial no caso da escola pública – instituição que acolhe indivíduos oriundos dos meios populares, cuja cultura precisa ser valorizada para que se entabulem as necessárias articulações entre os saberes populares e os saberes científicos ensinados na escola (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11).

Para Moita e Andrade (2006), as oficinas pedagógicas é uma forma de ensinar de maneira dinâmica os alunos fazendo uma articulação entre os saberes que o aluno já tem com os saberes científicos ensinado na escola. Com esse objetivo, trabalhar o filme “Amazônia-Herança de uma Utopia” que através várias possibilidades de se trabalhar em uma aula oficina de forma dinâmica, pois o mesmo, aborda varios assuntos da nossa região.

Pensando nisso, o documentário faz uma abordagem que abrange fatos, iniciativas e ações que resultaram em impactos ou mudanças ecológicas, demográficas, políticas e econômicas, mostrando uma visão objetiva das intervenções humanas na Amazônia brasileira, esses conhecimentos possibilitar trabalhar em uma aula oficina no ensino básico. Como sabemos qualquer estratégia de ensino pode agregar valores ao processo de ensino e de aprendizagem, na medida em que estão diretamente ligadas ao objetivo proposto (RODRIGUES, 2007), portanto, propor uma aula oficina é uma estratégia de ensino capaz de dinamizar a aprendizagem dos mesmos no sentido de torná-la mais significativas.

Mas para isso acontecer, nós professor antes de aplicar uma aula oficina temos que pensar, o que viria a ser uma oficina? Qual é objetivo que eu quero atingir? E qual a sua importância pedagógica para o ensino e aprendizado dos meus alunos? Para Schulz apud Viera e Volquind (2002, p. 11) a oficina se caracteriza como sendo “um sistema de ensino-aprendizagem que abre novas possibilidades quanto à troca de relações, funções, papéis entre educadores e educandos”.

Portanto, aderir às oficinas de ensino pode ser considerado um meio de articular e integrar saberes. E com a utilização do documentário a articulação e a integração de saberes fará que os alunos comecem a ver os depoimentos de pessoas que estudam os temas abordado e pessoas que viveram este período da nossa história como está exposto no mesmo.

Adotar filmes como recurso para facilitar o processo ensino-aprendizagem exige a presença de um moderador para fomentar as discussões acerca daquele conhecimento exposto. Neste caso, as imagens tornam-se um poderoso instrumento de aproximação do real, por sua sutileza de discurso e sedução de linguagem, sendo possível associar o estímulo verbal à reflexão com fins pedagógicos. (GUILHEM,2007,p.17)

O argumento usado por Guilhem (2007) defende a possibilidade do audiovisual no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pesando nisso o documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia” é dividido em quatro capítulos cada uma abordando um assunto relacionado com a história da Amazônia como: a Primeira e a Segunda Era da borracha, Serra Pelada, Transamazônica e outros assuntos que podem ser trabalhadas em várias aulas de histórias ou aula oficina no ensino básico.

Para uma aula oficina este documentário de quase 1 hora e 30 minutos de duração não é viável ser passado por inteiro pois, sabemos que seria cansativo e não daria tempo para uma discussão crítica com os alunos sobre o documentário. Por isso, uma proposta de aula oficina é trabalhar um dos temas abordado dentro do documentário.

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva (Anastasiou e Alves, 2004, p. 95).

Para Anastasiu e Alves (2004) a oficina é uma estratégia que ajuda na construção do conhecimento e diante disso, um dos possíveis temas a serem abordado que consta dentro do documentário, é o período da borracha na Amazônia que é dividido em duas fases distintas mas, com algumas características em comum, fazendo os alunos a pensa de forma crítica no assunto e sobre história da nossa região.

Segundo o documentário, a seringueira árvore originária da Amazônia vai ter um grande papel na história da região, a incisão no seu Caule escorre a látex conhecido como “ouro branco” que em 1870 a 1912 impulsionou o rumo econômico da Amazônia, este período passou a ser conhecida como a Era da Borracha, mais 300 mil pessoas vinda de todo o país chegaram no Amazônia em busca de uma vida melhor, mas pelo motivo da biopirataria e contrabando das sementes das seringueiras, este período chegou ao fim. Com o crescimento da indústria automobilística quinze anos depois há o retorno dessa economia baseado na borracha na Amazônia.

Em 1929, começa segunda fase do Período da Borracha na Amazônia, com a negociação com o governo do Pará com a Companhia Indústria do Brasil, conseguiu uma concessão de 1 milhão de hequitares para o plantio e a construção uma cidade e fábrica na região do Pará. Essa retomada faz nascer a esperança de uma vida melhor para milhares de desfavorecidos, que atraídos com a promessa de assistência ao trabalhador e toda a sua família, atraíram muitas famílias para região em busca de uma vida melhor, mas, chegando lá viram que a realidade era diferente. Os salários dos trabalhadores ficavam suspenso por motivo de doenças e os empregados que não retornavam as suas atividades eram demitido do emprego. A cidade se tornou um verdadeiro campo de trabalho escravo. Em 1936, quando os primeiros testes de produção começaram a ser feito os resultados foram bastante satisfatórios, mas, pragas começam a ataca as plantações de seringueiras que levou ao fim da Segunda fase da Borracha na região. Com essa introdução podemos fazer uma comparação entre as duas fases, falando dos pontos comuns e as diferenças das duas fases da borracha região amazônica.

Depois dessa breve introdução podemos pensar em como fazer uma aula oficina utilizando esta temática que consta dentro do documentário, para que essa atividade possa contribuir de forma positiva para a aprendizagem dos alunos, é fundamental que essa atividades estejam acompanhadas de um momento de reflexão e discussão de ideias sobre a prática em si.

Após definir o tema o segundo passo é a prática em sala de aula com os alunos. Para a aula oficina ser mais proveitosa primeiramente recolhemos os conhecimentos prévios

dos alunos, fazendo perguntas sobre o tema tentando extrair o máximo de conhecimentos sobre o assunto dos alunos. Uma boa sugestão para extrair estes conhecimentos são as perguntas como: O que foi período da borracha? Porque ela é dividida em duas fases? Qual é a semelhança entre a primeira e segunda fase? O porquê desse nome? Em que período ocorreu? Qual foi as consequências? E através das respostas dos alunos, o professor pode fazer um rápido comentário referente ao conteúdo antes de passar o documentário deixando os alunos mais à vontade para adquirir conhecimentos relacionado a temática.

As atividades práticas são importantes quando ensinadas de forma a trabalhar a busca e resolução de problemas, pois assim os alunos passam de meros espectadores à protagonistas de seu ensino, podendo experimentar e deduzir resultados, criando maior capacidade de argumentação e indução, e finalmente formando verdadeiros cientistas. (Rosalen, Rumenos e Massabni 2014).

Rosalen, Rumero e Massabni (2014), afirmam que são importantes se trabalhar buscando as soluções do problema pois, os alunos passam de telespectadores a protagonista e de acordo com isso o segundo passo da aula oficina seria a apresentar partes do documentário referente a temática para os alunos, fazendo que eles tirem suas próprias conclusão em relação a mesma.

E após a apresentação do documentário, podemos fazer uma socialização através de uma brincadeira, que estes alunos exponham de maneira positiva o que aprenderam com o documentário e o que mudou em relação os conhecimentos prévios, fazendo os alunos pensarem e interagirem com os colegas e professor promovendo um debate dentro da sala de aula.

Enfim, os requisitos mais importantes a serem levados em consideração em uma aula oficina pelo professor é processo ensino-aprendizagem. Esse tipo de estratégia possui um enorme potencial pedagógico quando usado com sabedoria, o que pode significar uma ótima estratégia para trabalhar determinados assuntos, porque se torna uma aula diferenciada da aula tradicional de modo que essas atividades apresentam uma diversidade metodológica quanto a natureza de sua aplicação trazendo satisfação por parte tanto do professor quanto do aluno.

Considerações finais

Portanto analisar o documentário “Amazônia-Herança de uma utopia” é acessar parte da história da Amazônia, que de certa forma permanece relegada ao esquecimento grande parte da sociedade brasileira até mesmo da própria população. Nesse sentido o documentário apresenta-se como um arquivo histórico que contribui para o conhecimento da história local.

E dessa forma, o documentário constitui uma importante fonte para o estudo da História da região Amazônica pois, traz depoimentos de estudiosos e depoimentos de pessoas de viveram estes momentos. Nesse sentido o estudo está associado às diversas instâncias que intervêm na sua realização trazendo um rico valioso repertório de atos e ações do homem e testemunho de pessoas que dificilmente é alcançado pelas fontes tradicionais escritas.

O documentário além de servir como fonte histórica, ele também pode ser um instrumento a ser utilizado em sala de aula, enriquecendo os conhecimentos dos alunos acerca de assuntos relacionados a história regional. Assim fazendo os alunos refletirem sobre produção audiovisual onde consta uma visão que não está exposto nos livros didáticos.

Enfim, o documentário “Amazônia- Herança de uma Utopia”, permite a apresentação aos seus telespectadores um conhecimentos da história da Amazônia brasileira, falando impacto ou mudanças ecológicas, demográficas, política e econômicas mostrando uma visão objetiva das intervenções humanas através do audiovisual, pois o mesmo possui um potencial comunicativo enorme.

Referencias:

ANASTASIOU, L. G. C; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** v. 3, p. 67-100, 2004.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** São Paulo: Paz e Terra, 1992

GREISSING, Anna. **A REGIÃO DO JARÍ, DO EXTRATIVISMO AO AGRONEGÓCIO: AS CONTRADIÇÕES DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA AMAZÔNIA FLORESTAL NO EXEMPLO DO PROJETO JARÍ.** Revista de Estudos Universitários da Universidade de Sorocaba, 2011.

GUILHEM D; DINIZ, ; ZICKER, F. **Pelas lentes do cinema- bioética e ética em pesquisa.** Brasília: Letras Livres/ Ed UnB; 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOITA, F. M. G. S. C; ANDRADE, F. C. B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED.** v. 29, 2006.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena. et al. **História e Cinema: dimensões históricas do audiovisual.** São Paulo: Alameda, 2007, p. 39-64.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

ROSALEN, S; RUMENOS, N. N; MASSABNI, V. G. **Atividades práticas e recursos de informática como apoio ao ensino de biologia.** 2014.

RODRIGUES, R. C. Estratégias de ensino e aprendizagem para modalidade de educação a distância. In: **Congresso Internacional de Educação a Distância.** 2007.

THOMPSON, E. P.. **A Miséria da Teoria.** Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

VIEIRA, E; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como.** 4ª Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

OLIVEIRA, Rafael. As transformações na organização espacial do estado de Roraima: Uma conversa inicial a partir da construção da BR 174. **Revista Acta Geográfica.** Boa Vista. ano I, número 1, 2007.p. 45-65.

Marcus Túlio Borowiski LAVARDA. **O “formigueiro humano”: o garimpo de Serra Pelada pelas fotografias de Sebastião Salgado.** Universidade Federal do Maranhão, MA/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. 2017